



ORIENTE MÉDIO

Ameaça a Omã e chamado à rendição

Donald Trump promete bombardear o sultanato, caso atrapalhe o diálogo entre Washington e Teerã sobre o Estreito de Ormuz. Presidente sugere que o Irã deveria “levantar a bandeira branca”. Janela de 60 dias para negociações termina

» RODRIGO CRAVEIRO

“Se Omã se meter no caminho, vamos bombardear essa p... toda.” Ao dispensar a linguagem diplomática e sem se importar com o termo vulgar, o presidente dos Estados Unidos, Donald Trump, ameaçou e advertiu o sultanato do Golfo Pérsico a não interferir no acordo com o Irã sobre o Estreito de Ormuz. EUA e Omã mantêm relações diplomáticas há 193 anos. A declaração foi dada em entrevista a Try Yingst, jornalista da emissora Fox News. Washington e Mascate negociam em separado com Teerã os termos para o controle do estreito, responsável pelo escoamento de 20% do petróleo produzido no mundo.

Trump também disse a Yingst que o Irã “deveria levantar a bandeira branca da rendição”. “Não tenho um cronograma, não estou com pressa. As eleições de meio de mandato não têm nada a ver com o que penso”, assegurou o presidente americano. No entanto, em mensagem publicada em sua plataforma Truth Social, Trump afirmou: “a meta número um é, e sempre será, que o Irã não pode ter, de jeito nenhum, uma arma nuclear”.

A janela de 60 dias de negociações com o regime iraniano para um cessar-fogo expirou, ontem, sem avanços. Ao receber jornalistas no Salão Oval da Casa Branca, o republicano admitiu que Teerã deseja um acordo, mas alertou: “Eles não vão fazer o tipo de acordo que considero necessário”. “Veja, estamos lá por um motivo: o Irã não pode ter uma arma nuclear”, reiterou. Esmael Baqaei, porta-voz do Ministério das Relações Exteriores iraniano, assegurou que o prazo de dois meses “caducou” após “violações” cometidas pelos americanos. “Não iniciamos nenhuma negociação porque, poucas semanas após a assinatura, começaram violações generalizadas do acordo, anulando, assim, a disposição dos 60 dias”, disse.

Em 27 de maio passado, Trump havia ameaçado bombardear Omã, caso decidisse controlar Ormuz com Teerã. “Omã se comportará como todo mundo, ou teremos de explodi-lo”, declarou, na época, durante reunião de gabinete na Casa Branca. Na última sexta-feira, o republicano

Kent Nishimura/AFP



Donald Trump após discurso na Academia de Polícia do Condado de Nassau, em Nova York: em maio, republicano tinha alertado aliado árabe

Eu acho...

Arquivo pessoal.



“Quando não consegue gerenciar os problemas de fora, nem os internos, Trump procura criar fatos. A ameaça de bombardeio a Omã é um deles. Considero arriscado, nesse momento de campanha eleitoral e de problemas internos, Trump se lançar em mais uma aventura militar. O cálculo estratégico dele passa por outro caminho, o de demonstração de força.”

CRISTINA PECEQUILO, professora de relações internacionais da Universidade Federal de São Paulo (Unifesp)

causou polêmica ao sugerir a transformação do Estreito de Ormuz em “território americano”. O presidente chamou a proposta de uma “grande ideia”. “Nós o controlamos (Ormuz). Nós o controlamos com o bloqueio. Gosto da ideia de declará-lo um território. Temos controle total sobre o estreito. Ora, eles podem causar transtornos, podem colocar uma mina na água... mas o bloqueio tem sido muito eficaz”, observou. Professora de relações

internacionais da Universidade Federal de São Paulo (Unifesp), Cristina Pecequillo vê uma “elevação de tom” do republicano que coincide com a “incapacidade do governo Trump de colocar um ponto final que beneficie os Estados Unidos no conflito com o Irã”. “Também vejo uma manutenção da posição do Irã como um pivô regional, apesar de todas as dificuldades. Todas as movimentações que temos observado são feitas à revelia do interesse americano. Quando os EUA

ameaçam um país que é, na prática, um aliado (Omã), isso significa que existe um desencontro diplomático entre as duas nações”, explicou ao **Correio**. “Isso tem ficado cada vez mais patente porque Omã tem ajudado o Irã a buscar soluções que não passariam por uma influência americana nem por permitir que o Ocidente tivesse um controle mais direto sobre o Estreito de Ormuz.”

De acordo com Pecequillo, a declaração de Trump visa pressionar cada vez mais o Irã e demonstrar a insatisfação da Casa Branca com essa situação. “Isso vem à sombra de mais uma pesquisa de opinião que mostra a contínua perda de apoio do governo Trump”, destacou. “Na última pesquisa, o republicano estava com 36% de apoio popular; agora aparece com 33%. É algo preocupante, porque muitos eleitores do partido sentem-se muito pouco à vontade com a pauta do Trump.” A professora ressaltou que a recuperação econômica, uma das questões centrais, não tem acontecido.



Omã se comportará como todo mundo, ou teremos de explodi-lo”

Donald Trump, presidente dos Estados Unidos, em 27 de maio

Iêmen

Em outra frente do conflito, rebeldes xiitas huthis do Iêmen, aliados do Irã, dispararam contra uma embarcação militar da Arábia Saudita e contra quatro navios de escolta no Mar Vermelho. A ofensiva, de acordo com o porta-voz militar huthi, Yahya Saeed, insere-se no bloqueio marítimo contra a Arábia Saudita, aliada dos Estados Unidos.

ÁSIA

Trump manda recado à Coreia do Sul

Donald Trump se viu, ontem, sob críticas de congressistas da oposição democrata — e até de um senador do Partido Republicano (governista) depois de anunciar a redução na escala de um exercício militar conjunto com a aliada Coreia do Sul, horas antes do início das manobras. Na véspera, o presidente americano tinha justificado a decisão em nome de não enviar um sinal “totalmente inadequado e hostil” ao líder do regime comunista da Coreia do Norte, Kim Jong-un, com quem diz manter “uma boa relação”.

A postagem, porém, deixa entrevista outra ordem de motivo para a opção de limitar o exercício: a recusa do governo aliado a se somar ao esforço de guerra dos EUA

no Oriente Médio. “Recentemente, perguntei ao presidente da Coreia do Sul se eles gostariam de se juntar a nós na desnuclearização da República Islâmica do Irã, e eles disseram: ‘Não, obrigado!’”, creveu Trump. Em outra publicação, ele resgatou uma foto ao lado de Kim durante encontro em 2019, quando cumpria o primeiro mandato na Casa Branca. Nella, afirmou que, como já não era possível cancelar atividade, ordenou ao secretário da Defesa, Pete Hegseth, que “reduzisse substancialmente” seu alcance.

“O governo acompanha de perto a mensagem publicada pelo presidente Trump nas redes sociais, e espera que a relação amistosa entre os líderes dos EUA e da Coreia do Norte resulte em um diálogo

significativo”, diz um comunicado do gabinete presidencial de Seul. O Ministério da Defesa confirmou que os exercícios, batizados como Escudo de Liberdade Ulchi, “estão se desenvolvendo conforme o planejado”. Segundo o coronel Ryan Donald, porta-voz do Comando das Forças Combinadas Americanas e Sul-Coreanas, as manobras simularão combates contra soldados norte-coreanos, fortalecidos pela participação ao lado da Rússia na guerra contra a Ucrânia.

“Abandono”

O democrata Jack Read, principal opositorista na Comissão de Assuntos Armados do Senado, classificou a medida como “insensata e improvisada”. “Quando o presidente Trump

reduz exercícios militares para bacular um ditador, ou pune a Coreia do Sul por se recusar a participar de uma guerra que ele iniciou, isso faz com que todos os nossos aliados — e adversários — pensem que os compromissos dos EUA são negociáveis”, criticou. “China e Rússia estão observando o quão facilmente o presidente abandona os aliados, e se lembrarão disso na próxima vez que formos testados.”

O senador republicano Thom Tillis fez coro aos adversários. “Reduzir os exercícios conjuntos com a Coreia do Sul significa nada mais do que liberar milhares de tropas norte-coreanas para apoiar o sequestro sistemático, a tortura, o estupro e o assassinato de cidadãos ucranianos inocentes por Putin”, disparou.

Yonhap/AFP



Tropas americanas na base de Camp Humphreys, em Pyeongtaek